

De acordo com Milton Santos, vivemos em um processo de mundialização dos lugares e dos indivíduos. No livro “Técnica, Espaço, Tempo” (1994: 133), o geógrafo afirma que “a instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares” e estabelece entre eles uma relação única na escala do mundo. Nessa concepção, o termo lugar é visto como o produto de um rearranjo intencional de elementos, como o fruto de uma ação deliberada de produção de um espaço (Santos, 1994).

E necessário talvez, e antes de tudo, explicitar a noção de espaço, de meio. Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (Santos, 1994: 148).

Brulon (2018) define que musealizar um objeto significa mudá-lo de lugar, seja simbólico ou físico, e rerepresentá-lo em uma nova forma que potencialize os seus sentidos. Ao correlacionarmos essas ideias, subentendemos que os museus são espaços relacionais de reordenamento de sistemas de valores, dando aos fragmentos e ao inteiro sistema novas faculdades de leitura. Os espaços museais evocam, portanto, processos dinâmicos de “deslocamento”, de transformação e de produção de significados. “O mundo oferece as possibilidades: e o lugar oferece as ocasiões” (Santos, 1994: 147).

Tais processos também ocorrem com os edifícios musealizados, tanto no caso dos edifícios históricos, que, por conseguinte, já integram outros sistemas de valores, quanto no caso daqueles construídos para tal finalidade. A arquitetura-museu, ao mesmo tempo que se relaciona diretamente com os objetos e os indivíduos, também delimita a instituição na escala da cidade e a qualifica enquanto sistema comunicacional de alcance global. O museu universal, enquanto projeto iluminista, assume uma posição hegemônica na cidade e a associa aos fenômenos da preservação patrimonial, da democratização da cultura e do consumo de massa.

São diversos os elementos que constituem a experiência individual dos visitantes em museus: os horários e os dias de funcionamento das instituições; a forma de deslocamento da pessoa na cidade, seja a pé, de bicicleta, por transporte público ou privado; as condicionantes paisagísticas e ambientais circundantes; a implantação urbana dos edifícios e as formas de identificação dos seus acessos; a chegada e a percepção suscitada pelo prédio, se é suntuoso e imponente, se é histórico, moderno, ou simples como uma casa; e por fim os atributos internos, como a adequabilidade espacial e comunicacional dos percursos e dos acervos

1 Arquiteta e designer, doutora em patrimônio e conservação com a tese “Museus Possíveis: histórias do Museu de Arte de Brasília”; professora substituta da FAU/UnB.

2 Professora do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da UnB, Doutora em Antropologia (PPGAS/DAN - UnB) e Mestre em Museologia pela Université de Neuchâtel (Suíça).

DOSSIÊ

expográficos. Todos são aspectos da vivência museal que constituem o espaço relacional da experiência museu-visitante.

Como cada fração do espaço está disposta em conformidade com um projeto de dominância, também cada parte do museu jogará com suas características específicas em função dos atores socioeconômicos, e, por consequência, poderá reproduzir qualidades ou mesmo contestar o *status quo* do seu próprio meio. É notável como Françoise Vergès, especialista em estudos pós-coloniais, também se utiliza da progressão de fragmentos sensoriais e de símbolos arquitetônicos para imaginar os atributos de um museu decolonial, um museu que se contraponha aos sistemas hegemônicos da cultura, um “pós-museu para o século XXI”:

um museu casa, isto é, arquitetura, funcionamento e acolhida, uma casa pensada como um local de vida, de encontros, festas, de vigílias, de recordações e rememorações; um museu para recolher narrativas, sons, imagens e objetos (Vergès, 2023: 216).

Feita essa breve conceituação, o Dossiê Arquitetura e Museus se inicia com a discussão teórica “O papel do espaço na experiência do visitante em exposições museológicas”, de Bianca de Cássia Chaves Ribeiro e Julia Nolasco de Moraes. Nele, as autoras correlacionam os campos da arquitetura e da museologia tendo como principal escopo de análise o espaço expositivo e as suas ambivalências enquanto objeto, corpo, percurso, narrativa, edifício e instituição. O artigo trata, portanto, das frações constituintes do sistema comunicacional dos espaços expositivos, consistindo em um material de base para nossos leitores e demais estudiosos do campo.

A noção de “deslocamento” se faz presente nos dois artigos seguintes, que trazem exemplos de pavilhões de exposições temporárias como campo de análise e de imaginação de projetos museográficos. Em “Explorando Fronteiras: reimaginando a Arquitetura do Museu através do Pavilhão Maxwell Alexandre no Rio de Janeiro”, Carlos Henrique de Lima aborda a obra recente de um artista que se propõe a transpor barreiras do circuito da arte contemporânea, ao mesmo tempo que também debate sobre a caminhada segura de corpos negros dentro desses espaços de hegemonia.

Já no artigo “Museu Itinerante de Arquitetura Local: o museu como protagonista na preservação da arquitetura”, de Luiza Ceruti e Ana Elisabete Medeiros, a caminhada do pedestre na cidade serve como mote de um projeto de exposição urbana direcionada para a educação do transeunte acerca dos valores histórico-artísticos de edifícios comuns, subvertendo lógicas programáticas do conceito de museu em relação ao patrimônio edificado.

O interesse patrimonial e o embate entre sistemas de valores também está presente no artigo “Ambientação de prédio histórico para uso de museu: uma tipologia, várias adaptações”, de Estefani Mikaela Batista Trindade e Flávia Olegário Palácios. São tomados como estudos de caso três edifícios históricos localizados em Belém do Pará que foram transformados em museus de arte contemporânea, discutindo como as exposições montadas nesses espaços influenciam na conservação e na leitura patrimonial dessas arquiteturas.

O dossiê se encerra com a abordagem historiográfica “Reflexões sobre a relação espaço-exposição: o caso do Museu Nacional/UFRJ”, de Amanda Cavalcanti e Teresa Cristina Scheiner. As autoras trazem o registro de mais de duzentos anos de usos e adaptações das arquiteturas que sediaram o Museu Nacional do Rio de Janeiro, desde a fundação da instituição na sede do Campo

de Santana, em 1818, passando pela transferência do museu para o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, em 1892, até as mais recentes reformas e reconstruções realizadas após o trágico incêndio ocorrido em 2018. A cronologia apresenta um campo fértil ao correlacionar as transformações do museu enquanto arquitetura e enquanto arena de demonstração ora de poder, ora de descaso político-cultural.

Assim, o presente dossiê traz uma pequena amostra da diversidade temática, das possibilidades de reflexão e da complexidade do que pode emergir do encontro entre esses dois grandes campos de conhecimento que aqui são vislumbrados de forma costurada. Agradecemos à generosa e essencial contribuição das autoras e do autor e à comissão editorial da Revista *Museologia & Interdisciplinaridade*, representada pelos professores Ana Abreu, Monique Magaldi e Clóvis Britto.

Expressamos, por fim, nossa homenagem e nosso aceno em solidariedade ao Rio Grande do Sul, que vive atualmente uma tragédia sem proporções, em razão das inundações que atingiram vidas e acervos. Tendo o Museu das Missões, caso exemplar de processo de descolonização em que comunidades indígenas longamente silenciadas reverterem a cena, tomando a frente e o protagonismo no desenvolvimento de ações museológicas (Gondim, 2023), nos pareceu evidente que a instituição ilustrasse o presente número da Revista *Museologia e Interdisciplinaridade*. Deixamos um forte abraço e o desejo de pronta recuperação, dentro do possível. Que essa catástrofe, que não é somente climática, mas também política, nos ensine algo.

Referências

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho In: *Revista Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio / MAST*, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/722/657>.

GONDIM, Vânia Lima. “O poder da memória e o Manancial Missioneiro: mobilizações de processo museológico decolonial em São Miguel das Missões/RS”, In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 57, p. 1-28, 2023.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994

VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. Ubu Editora, 2023.